

ATRAVÉS DO BRASIL: IDENTIDADES E TEORIA DA HISTÓRIA (1910)

Beatriz Anselmo Olinto
Departamento de História
UNICENTRO
Guarapuava - PR

Resumo: O artigo busca analisar a construção e a caracterização de identidades regionais, de gênero, étnicas, raciais e nacionais na obra *Através do Brasil* (1910) de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, como também, compreender as principais posturas teóricas referentes à história e ao futuro nacional ali abordadas. O trabalho visa discutir a formação de um Brasil nação através da narrativa, respondendo às diferenças populacionais com a construção de um sentido nacional. Busca-se ampliar as análises sobre o papel desenvolvido por esses intelectuais como agentes sociais durante as primeiras décadas do século XX, e aprofundar as discussões historiográficas sobre a obra de Manoel Bomfim, através do diálogo entre as suas proposições como historiador e as suas atividades na educação, para compreender as construções identitárias da obra *Através do Brasil*, bem como o viés de História do Brasil apresentado pelo livro.

Palavras-chave: Historiografia; identidades; nação; intelectuais.

Abstract: This article tries to analyze the construction and the characterization of regional identities considering gender, ethnics, racial and national aspects in the work “*Através do Brasil*” (1910) written by Olavo Bilac and Manoel Bomfim, as well as to understand the main theoretical views concerning the history and the national future tackled there. This work aims to discuss the formation of Brazil as a nation through the narrative, answering to population differences with the construction of a national sense and to enlarge the analyses about the role-played by those intellectuals as social agents during the first decades of the 20th century. It also intends to deepen the historiographic discussions on Manoel Bomfim’s work, through the dialogue among his propositions as an historian and his activities in the educational field, in order to understand the identity constructions presented in the book and its own view of Brazilian history,

Key -words: Historiography; identities; nation; intellectuals.

Introdução

Entre 1978 e 1987, ano de seu falecimento, José Honório Rodrigues dedicou-se à obra *História da História do Brasil* uma ampla análise da historiografia brasileira publicada em três volumes. No segundo volume de tal obra, o autor afirma:

Sempre acreditei, no exame refletido da História do Brasil, ao longo dos anos, que somos por tradição portuguesa um povo (incluo aqui todas as classes em conjunto) extremamente conservador. E as ondas portuguesas na Colônia, imigratórias no Império, só fizeram aumentar a visão conservadora da história e da política. (RODRIGUES, 1988, p.1).

Porém, algumas páginas depois, ao mapear a historiografia conservadora do Brasil, Rodrigues identifica uma voz dissonante dentro dessa tendência conservadora:

A louvação da história colonial no Brasil e em geral foi feita sempre sistematicamente desde Varnhagen, segundo a defesa do bragantismo, só examinado criticamente, embora com excessos de linguagem, por Manuel Bomfim (sic), especialmente em o *Brasil na História* e o *Brasil Nação*, livros que merecem hoje o reexame crítico, bem como sua real e positiva colocação na historiografia brasileira, embora tenham sido por muito tempo marginalizados. (RODRIGUES, 1988, p.6).

Manoel Bomfim era apontado como um crítico da historiografia dominante, entretanto Rodrigues, como já enunciara no próprio título do volume: *A Historiografia Conservadora*, não pretendia analisar as vozes discordantes dessa tendência. Assim Bomfim não é mais mencionado e a sua marginalização na historiografia continuou até os anos 80 quando Darci Ribeiro escreveu o artigo *Manuel Bomfim, antropólogo* (1984) e Flora Süssekind e Roberto Ventura escreveram *História e Dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim* (1984). A partir daí, as obras sobre o autor multiplicaram-se abrangendo profissionais da história, da educação e das letras. Nos anos 90, a editora Topbooks reedita as suas obras.

Voltando a Rodrigues pode-se destacar dois aspectos que irão nortear a presente análise, a caracterização de Bomfim pelos excessos de linguagem e a sua marginalização. Busca-se, aqui, levantar questões sobre essas duas afirmações, que podem ser também encontradas em vários analistas das obras do autor, bem como compreender as ligações entre as suas obras históricas e a atividade como educador, centrando o foco na principal obra didática *Através do Brasil* (1910) escrito em parceria com Olavo Bilac.

Manoel Bomfim (1868-1932) é um autor definido como político, historiador e educador (Ventura, 2001, p. 240). Formado em Medicina, abandona a prática, mas essa deixa uma influência marcante na sua aparelhagem lingüística que pode ser percebida na escrita e no arsenal conceitual. O autor ganhou destaque a partir de 1905 com a publicação de *América Latina: males de origens (o parasitismo social e evolução)*.

Nesse livro construía uma visão original sobre a origem dos problemas dos países *neo-ibéricos* como o Brasil e seus vizinhos.

O diagnóstico e o remédio

América Latina... foi escrito em Paris em 1903. Nessa obra, Bomfim busca criticar a visão negativa sobre a América Latina que encontrara no continente europeu. O livro foi uma resposta as teorias raciológicas que condenavam a América Latina ao atraso e a degenerescência pela mistura de raças. Segundo Baggio:

Bomfim considerava que a condenação da América Latina pelos europeus era fruto da ignorância e do interesse em explorar as riquezas do subcontinente. Este juízo condenatório tinha conseqüência perversa: assimilação, pelos próprios latino-americanos, desta visão negativista e a apropriação de concepções inaplicáveis à nossa história. (BAGGIO, 1998, p.102-103).

Ao contrário das visões vigentes, Bomfim não diagnosticava os males da América Latina nas raças ou, até mesmo, no clima. O mal era o parasitismo, ou seja, a exploração feita pelas metrópoles coloniais, elites locais e potências imperialistas, sobre as classes trabalhadoras, tomando para si as riquezas que essas últimas produziam, agindo como parasitas do trabalho alheio. Como bem analisaram Sussekind e Ventura, Bomfim parecia definir “uma teoria biológica da mais-valia” (Apud: VENTURA, 2001, p.243).

Com a obra de 1905, a doença era diagnosticada: parasitismo. Porém, ela só causava efeitos morais, totalmente remediáveis segundo o autor: “O remédio está indicado. Eis a conclusão última desta longa demonstração: a necessidade imprescritível de atender-se á instrução popular, se a América Latina quer se salvar.” (BOMFIM, 1993, p.328-329)

Diagnosticada a doença e o seu remédio, Bomfim não escreverá mais livros na área de História até o final dos anos 20, quando publicará a trilogia: *Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931). Nesse ínterim, o autor amplia o engajamento em políticas educacionais. A hipótese aqui levantada é que através dessa prática e em especial da parceria com Olavo Bilac no livro *Através do Brasil*, o autor constituiu um espaço para aplicação e divulgação de idéias no qual nem o excesso de linguagem nem a marginalização são encontrados.

A terapêutica educacional

Na obra de apoio didático *Através do Brasil* publicada em 1910 por Olavo Bilac e Manoel Bomfim, os autores narram as aventuras de dois irmãos (Carlos e Alfredo) por diversas regiões do país. Durante o percurso, são apresentados personagens regionais, aspectos econômicos, geográficos, históricos e culturais em uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos escolares do período, tendo como centro unificador um ensino moral e

nacional. A estrutura de romance de viagem é uma metáfora sobre a formação do Brasil como nação, pois nas linhas do texto, junto com o amadurecimento dos personagens, são as características de uma identidade nacional que são traçadas.

Mantendo as posturas já defendidas por Bomfim em 1905, a obra se contrapõe às visões deterministas biologizantes que agradavam grande parte dos intelectuais brasileiros do início do século XX, pois apresentava a educação como o caminho para um futuro nacional civilizado. Com uma narrativa cativante Bilac e Bomfim aproximavam diferenças regionais e formavam um conhecimento sobre o país a ser consumido pela juventude letrada das elites e classes médias urbanas, porém, ao mesmo tempo em que constroem identidades e combatem teorias racistas, reafirmam distinções e hierarquias de classe.

Logo no texto da abertura da obra, chamado de Advertência e Explicação, os autores explicam os objetivos e o público alvo de *Através...* Nessa primeira parte do livro também indicam as formas de utilizá-lo como um instrumento didático. Para eles, o processo educativo deveria ser dinâmico, mas também voltado para o conhecimento da nação. Vida, movimento e nacionalidade são interligados: “A vida é ação, é movimento, é drama. Não devíamos apresentar o Brasil aos nossos pequenos leitores mostrando-lhes aspectos imotos, apagados, mortos.” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.47).

Ainda na abertura, os autores definem a obra como simples narrativa que “acompanhada dos cenários e costumes mais distintivos da vida brasileira; e, em verdade, a escola primária deve ensinar muito mais do que aqui se contém, e muito mais do que possa conter em qualquer livro de leitura.” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.43).

Porém, essa modéstia introdutória não diz o suficiente sobre os objetivos do livro, pois Bilac e Bomfim buscavam construir uma narrativa que integrava várias regiões brasileiras, nas quais davam a conhecer suas atividades econômicas, suas paisagens e alguns estereótipos sobre suas populações. Com as aventuras dos dois irmãos Carlos e Alfredo, bem como do amigo Juvêncio, afirmavam-se endereços identitários para a nacionalidade, mas também prometiam um futuro nacional moderno e civilizado, o caminho para ele era o progresso econômico e a educação.

Através do Brasil está inserido em um momento no qual os intelectuais brasileiros perguntavam-se sobre o seu papel na sociedade. Manoel Bomfim e Olavo Bilac tinham a resposta para essa inserção da intelectualidade em um projeto nacional, ela se daria pelo apoio à educação popular. Sobre esse engajamento, João do Rio já apontava o especial interesse educacional de Bilac, que teria respondido quando perguntado a respeito do que escrevia:

Oh! Não, meu amigo, nem versos, nem crônicas - livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se fosse possível, eu me centuplicaria para difundir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler que o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analfabeto. Talvez sejam idéias de quem começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu entusiasmo - o entusiasmo que é a vida - a este sonho irrealizável. (Apud: RODRIGUES, 2004)

O livro *Através do Brasil* é a terceira obra da dupla que já havia escrito antes *Livro das Composições* (1899) e o *Livro da Leitura* (1901). Bilac, o príncipe dos poetas, não estava mais (se é que esteve) na torre de marfim parnasiana, pelo contrário, encontrava-se empenhado na atividade prática de escrever livros destinados diretamente à tarefa educacional e a trabalhar como Inspetor Escolar no Rio de Janeiro. Junto ao amigo o historiador Manoel Bomfim, que trabalhara como diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e como diretor do *Pedagogium*, um “centro de formação de professores direcionados ao ensino primário.” (BAGGIO, 1998, 101), Bilac atuara no *Pedagogium*. Esse projeto educacional tinha como um dos seus objetivos “elevar a consciência cívica dos brasileiros.” (BOTELHO, 2002, 64). Nessas vivências, os autores apresentam uma coerência entre as suas reflexões sobre os problemas nacionais e a prática profissional de ambos.

Analisando a obra historiográfica de Bomfim, José Carlos Reis (2003: p.499) aponta que: “a interpretação do Brasil em Manoel Bomfim quer ser a favor da nação brasileira, defende os interesses populares contra o parasitismo das elites, propõe uma radicalização democrática contra a tradição secular de espoliação e exclusão da população brasileira do seu próprio país.” Já para Gotijo (2003), o historiador Bomfim propunha deslocar o eixo de análise da historiografia nacional, retirando o foco da história universal – dominada pela história das nações européias – para as histórias nacionais em suas particularidades. Assim, Manoel Bomfim trazia para a sua prática como educador a sua interpretação da história latino americana e brasileira, afinal estar empenhado em atividades voltadas a educação nada mais era do que se empenhar no tratamento da doença anteriormente diagnosticada, o parasitismo social da classe dominante a partir da colonização da América. Nesse sentido, o educador seria um médico da sociedade. Em 1910, Bomfim e Bilac propunham uma revolução pela educação, somente através dela o futuro seria a redenção nacional e a realização da civilização, segundo Botelho:

Defendendo a educação como redenção do atraso brasileiro Manoel Bomfim e Olavo Bilac, preocupados, por um lado, com a reforma moral da sociedade como condição da construção efetiva da nação e, por outro, com a formação dos portadores sociais do projeto de modernização, acabariam por redefinir o próprio estatuto de seu trabalho na sociedade brasileira. (BOTELHO, 2002, p.71- 72).

Coerentemente com suas análises da sociedade brasileira, Bomfim e Bilac constituem *Através...* como um instrumento educacional para a salvação da nação, segundo Ventura, era uma *ilusão ilustrada* (2001, p.248). A obra, então, estabiliza diferenças em um panorama nacional, possibilita uma visão de território, com seus potenciais e suas gentes demonstrando a viabilidade da realização do projeto civilizatório defendido pelos autores.

A questão que se levanta sobre a obra é se *Através do Brasil* foi apenas um manual cívico? Ou as suas linhas extrapolam o instrumento didático e demonstram um projeto de nação construído pelos dois autores? A presente pesquisa tende a responder afirmativamente a essa pergunta, pois o quadro identitário construído na obra tem apresentado uma ampla rede de correlações entre os papéis sociais ali dimensionados e a expectativa de futuro nacional composta pelos autores tanto na obra quanto em seus outros escritos.

Pode-se aqui destacar alguns aspectos da obra que corroboram a análise sobre seu papel de construção identitária. A primeira questão é a característica de romance de formação, que, seguindo uma fórmula difundida na Europa e analisada por Lajolo na introdução da nova edição de *Através* [...], os romances de formação eram naquele momento coletivos e não mais de indivíduos: “[...] já que os modelos de formação que propõem são sociais, isto é, refletem a criação da nação, a conquista ou reconquista da identidade nacional, e não mais e não apenas o processo de amadurecimento do indivíduo.” (LAJOLO, 2000, p.25)

Outra análise que pode ser desenvolvida é sobre a lição de história pretendida pelos autores pois que segundo eles:

Fala, por exemplo, o livro de ‘sertão bruto, onde havia índios.’ É um excelente pretexto para dizer quem são os índios, que antigamente aqui viviam sozinhos: os brancos e pretos vieram depois e com eles veio a colonização. E então o professor apelará para a observação da criança, para que ela note a diferença entre o estado selvagem e as indústrias, instituições, obras e costumes que distinguem a civilização; [...] (BILAC & BOMFIM, 2000,49).

Na passagem acima, destaca-se a idéia de história como progresso e civilização, como domínio e superação da natureza. Tal imagem permeia toda a obra na qual a apresentação de cada região é feita pela sua riqueza entendida como a natureza com seu potencial recurso para o progresso. Progresso esse que corre nos trilhos das estradas de ferro e ancora no cais dos portos nacionais, em uma modernidade vista como circulação de gentes e coisas, vistas como força de trabalho e mercadoria, ligando mercados e populações, formando um país frente aos olhos das duas crianças.

Vários momentos de texto refletem essa perspectiva. Ao passar pela Bahia, a exclamação é: “Será muito rica! Quando todas as suas riquezas naturais forem intensivamente exploradas”. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.259) A era natureza vista como fonte de recursos para o progresso do país. Para além do utilitarismo, ela era também a base para a edificação da noção de território nacional. Lembrando Santos e Oliva (2004,117), a natureza em *Através*.. era: “o elemento capaz de dar materialidade à idéia de identidade nacional.”

Da natureza ao progresso representado pela técnica, pela circulação de gentes e mercadorias, essas eram as paisagens para as quais o olhar dos personagens estava voltado. Ao entrar na Guanabara são explicadas as obras de construção do cais (BILAC

& BOMFIM, 2000, p.308). Já na cidade do Rio de Janeiro, a rua do Ouvidor é definida como “grande artéria urbana” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.313). Um dos principais símbolos do progresso que ligaria a nação e garantiria o território pela exploração dos recursos, são as várias citações sobre os meios de transporte, não só fluvial e marítimo, mas principalmente, as estradas de ferro. O trem é motivo de contemplação (BILAC & BOMFIM, 2000, p.59) de ligação territorial (BILAC & BOMFIM, 2000, p.319) e de futuro nacional. Assim, quando apresenta Mato Grosso e Goiás:

Infelizmente essas duas colossais porções da terra brasileira são quase desconhecidas, por falta de vias de comunicação com o litoral. Quando as estradas de ferro e as linhas de navegação fluvial tiverem estabelecido essa ligação, ninguém pode imaginar a esplêndida prosperidade que reinará ali. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.329).

Já a cidade de São Paulo é apresentada como uma metrópole moderna, também com burburinho e circulação, mas a intensidade do movimento é muito maior, tanto que os autores acabam dedicando um capítulo ao chamado Progresso Paulista (BILAC & BOMFIM, 2000, p.340 - 343)

No mesmo sentido, outras regiões do país aparecem avaliadas pelos seus recursos naturais: Minas e os metais preciosos e diamantes, Amazonas e os seringais, a Bahia e o engenho de açúcar, o Paraná e a erva mate e a extração da madeira das araucárias, Rio Grande do Sul e o charque.

Os dois irmãos são simbólicos representantes das elites urbanas do período, pois possuem uma ligação com o espaço rural do latifúndio (personificado na avó estancieira), porém desconhecem as diferenças existentes na sociedade brasileira. O livro buscará supri-las, assim são encontradas imagens recorrentes do ideário nacional do período como o Rio São Francisco, como o rio da unidade, a Capital Federal, como o gigante de pedra e cidade cosmopolita, São Paulo como local do progresso econômico e momento de comemorar os bandeirantes como episódios heróicos. Para os bandeirantes a narrativa reserva nomes, arrolando-os. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.345).

A construção de identidades no livro é perpassada pelo estabelecimento de papéis sociais, entre eles estão os papéis de gênero. As mulheres são raramente nomeadas, sendo identificadas pela função na família (avó, mãe e filha) ou condição social (estancieira, lavadeira). Por outro lado, os papéis masculinos sempre estão acompanhados de um nome próprio. Um exemplo disso é uma família que ajuda os viajantes em determinado momento da narrativa. A mãe é definida como a velha lavadeira que era casada. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.185) Definir o estado civil parece ser uma boa maneira encontrada pelos autores de reforçar o caráter dos personagens e suas boas intenções. Porém, a lavadeira era também mãe da única personagem feminina, com exceção das figuras históricas, que possui nome próprio: Maria das Dores. O nome da menina fornece indícios da construção da imagem de sofrimento ligado à definição do feminino.

Porém, tanto mãe quanto filha são obedientes ao marido e pai Bento que, como homem da casa, apesar de aparecer muito pouco é acompanhado por nomeação. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.187). Sobre a função da menina na narrativa pode-se afirmar que ela é a delimitação figurativa feminina da irmã e enfermeira, destacando assim mais dois papéis permitidos na família e na sociedade para as mulheres. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.191). Por fim, ainda lembra-se a citação sobre Anita Garibaldi definida no texto como uma grande brasileira, por ter “associado a sua vida a um herói” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.354-355).

Destacam-se, também, os personagens regionais que são formados pela obra. Nos estados do nordeste aparecem tipos fortes e com experiência na sobrevivência em duras condições. A personagem a velha africana é um exemplo, a ela não é dado nome próprio e sim qualidades, é ela a boa preta de Garanhuns, que oferece comida e abrigo em sua “[...] choupana rústica mas asseada,[...]”. O povo brasileiro é apresentado como pobre, mas bondoso, limpo e ordeiro. Ela, por sua vez, demonstra respeito à hierarquia social e chama os meninos de “ioiô” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.63-71).

Apesar de não nomeada e submissa, a personagem aparece muito mais como uma qualificação coletiva da herança africana na formação populacional da nação. Com tal abordagem, pode-se perceber o quanto a obra de Bilac e Bomfim era destoante dentro do panorama racista composto pela intelectualidade brasileira do período – é só lembrar nomes como Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Azevedo Amaral, Renato Kehl (OLINTO, 2002).

Cabe ressaltar que por mais que Bomfim critique e negue cientificidade às teorias raciais do período, ele mesmo acabou por minimizar a influência das populações africanas na formação da população brasileira ao definir essa última como formada já no século XVII na obra *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), tornando, assim, a miscigenação ocorrida no séculos posteriores menos importante do que a inicial através da suposta assimilação dos indígenas. Nas palavras do autor:

Contudo a influência dos negros sobre a essência da alma brasileira, foi menos pronunciada do que parece. É inegável que, nos meados do século XVII, já o Brasil estava definido – reação nacional contra o invasor holandês, expansão nacional pelos sertões [...] Ora, nessa época, o número de escravos africanos era relativamente bem pequeno. Pode-se até afirmar que a lavoura da cana-de-açúcar se instituiu, e se generalizou, no trabalho dos escravos índios. (BOMFIM, 1997, p.201).

Apesar de diminuir a influência africana, aponta que essa deixou sua marca: “O africano refletiu sensivelmente as suas qualidades na população já feita, sem desviá-la, no entanto, das linhas definitivas” (BOMFIM, 1997: p.202). Sobre essas qualidades dos povos africanos encontramos a concepção de “índole fácil das populações.” (BOMFIM, 1997, p.203). O que logo a seguir acaba servindo para a minimização do conflito escravista

nas terras brasileiras. Sobre a análise de Bomfim sobre as populações africanas e a escravidão, Baggio aponta:

É interessante observar que, mesmo negando veementemente a desigualdade das raças e o preconceito de cor, Bomfim procurou reduzir a importância do papel do negro na formação nacional brasileira, pois, como vimos, reforçou a idéia de que nossas raízes nacionais estavam em franco processo de consolidação no primeiro século e meio de colonização. Ao mesmo tempo, tal como Nabuco, endossou que a escravidão no Brasil teria sido menos cruel e os negros teriam sido assimilados com menos dificuldades do que em outras regiões do continente, o que também teria ocorrido em relação aos índios. (BAGGIO, 1998, p.201).

Pode-se destacar que a concepção de índole da população africana e a sua separação em relação ao brasileiro anteriormente formado, estão em acordo com a figura da velha africana, que é boa, prestativa, submissa, como o povo brasileiro, mas continua a ser chamada africana.

No que se refere às populações indígenas, a história emblemática é a de Caramuru. Através dela, o papel dos povos formadores é bem definido na obra. Assim:

Seja como for, Diogo Álvares salvou-se, e viveu muito tempo entre os índios, casando-se com uma rapariga da tribo, Paraguassu que, depois de batizada, recebeu o nome de Catarina. Quando, em 1534, Martim Afonso chegou à Bahia, ainda encontrou Caramuru, que teve muitos filhos, e prestou grandes serviços à colonização do norte do Brasil. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.75-76).

Em *Através do Brasil* estão definidos os mesmos pressupostos de assimilação e miscigenação dos povos indígenas também defendidos por Bomfim nas suas obras de história. Mas em *Através ...* esse processo continuava até o presente, momento no qual os índios que permaneciam isolados são definidos como ferozes porém, após o contato, “já todos vão se convertendo à vida civilizada” (BILAC & BOMFIM, 2000: p.80), ou ainda “porque ainda se encontram muitos índios, quase todos já domesticados.” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.374).

Outro personagem que merece destaque é Juvêncio, o amigo sertanejo, forte, representante da sabedoria popular da experiência, ele auxilia os irmãos a sobreviverem e sabe lançar mão da astúcia quando necessário para garantir a própria sobrevivência. É através dele que a região norte aparece na narrativa, mas apesar de toda a sua importância na trama, seu lugar social diferente e inferior diante dos dois irmãos nunca é questionado, nem tem as fronteiras ultrapassadas. Ao final, fica claro que essa amizade é possível, porém muito bem hierarquizada, dentro da sociedade patriarcal.

Juvêncio só entra na narrativa após as populações formadoras do povo brasileiro terem sido apresentadas aos pequenos leitores. Ele é o resultado da mistura, é a confirmação do erro das teorias racistas tão criticadas por Bomfim. O personagem

representa as qualidades do povo brasileiro, criado na adversidade porém acostumado com ela, possui a astúcia e conhecimento pela experiência.

Será Juvêncio quem apresenta aos irmãos as qualidades do povo e da terra, é ele quem está ligado a uma suposta realidade nacional desconhecida pelas elites litorâneas e para quem o livro buscava introduzir tal assunto. O personagem ensina para os irmãos e para os leitores com eles identificados: “Tudo no mundo é para o bem da gente... Vosmecês ficam conhecendo a sua terra...” Depois ainda ensina sobre a gente: “É gente boa, muito honrada. O sertanejo é sempre sério e fiel. Pode ser desconfiado, mas gosta de praticar o bem.” (BILAC & BOMFIM, 2000, p.122 - 124).

Porém, será Juvêncio, e não os irmãos, que será confundido com um ladrão em um dos momentos da narrativa, quando então os autores definem “Quem não pode trapaceia” e diante da confusão e do poder de um fazendeiro, que o toma por ladrão, Juvêncio utiliza a astúcia do fraco para salvar-se. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.206 - 211). Mas apesar de todo o conhecimento e esperteza que permitem a sua sobrevivência e a dos irmãos, Juvêncio é fiel e respeitador da ordem social, o que é demonstrado pela forma de senhores com a qual se dirige aos dois meninos. (BILAC & BOMFIM, 2000 p.257).

Existe na narrativa um outro sertanejo, um caboclo chamado Benvindo, que busca representar além da força com “um belo exemplar do robusto sertanejo nortista”, também a noção de alegria, pois é através dele que a narrativa fala sobre o samba “o único divertimento que eles tem”. O eles aí citado é definidos como “pretos, caboclos e mulatos”. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.82 - 90)

Ao chegar aos estados do sul encontram alemães. Os três estados são apontados como possuindo densa população alemã. A obra assim retoma a idéia de um sul europeu e branco. Por outro lado os irmãos não têm olhos para a capital açoriana de Santa Catarina. Quando passam por lá, a caminho de Rio Grande, não é feita nenhuma referência à imigração açoriana. Para Florianópolis o adjetivo utilizado é de pitoresca e os irmãos, ao contrário do que fizeram em outras capitais litorâneas, não desembarcam para conhecê-la. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.354-355)

Por fim, chegam ao Rio Grande do Sul, desembarcando na cidade do Rio Grande e logo seguindo para a estância da avó, em Pelotas. É lá que o tipo Gaúcho será caracterizado através da influência do meio:

O ar franco, a vida sadia do campo, a liberdade, o espetáculo cotidiano de um horizonte ilimitado, dão a essa gente um temperamento distintivo,... E são naturalmente nobres, incapazes de uma traição. Amigos do trabalho e da ordem, tem um certo ar de arrogância, mas não são turbulentos sem razão;[...]. (BILAC & BOMFIM, 2000, p.386).

Com o gaúcho, a obra fecha suas identificações regionais. A esse cabe ser reflexo de um ambiente natural, o que os torna diferentes em relação a situação narrada

anteriormente sobre o sertanejo, que tinha sua sabedoria como capacidade inventiva diante do ambiente.

Diferentes ou não, o livro acaba com a notícia da reunião sobre as terras e sob o teto da casa grande de uma estância, pois sendo todas as gentes, apesar de diversas, ordeiras, torna-se possível o desfecho feliz e patriarcal.

Ao final, pode-se avaliar que todo o romance ao mesmo tempo em que formava uma nação por entre diferentes, mantinha a ordem e a solidariedade como características gerais de todas as gentes narradas no texto. Quanto aos irmãos, eles iniciaram a aventura não para fugir ou afastar a família, mas a procura dela, reforçando os laços pessoais que permeavam aquela sociedade. No epílogo, a mensagem era que o brasileiro é forte, que o Brasil tinha futuro com a educação.

Entretanto, se em *Através ...* há, por um lado, o vislumbrar de um progresso e da mudança, por outro, essa transformação se dá pela integração à uma ordem social desigual e tradicional, representada, em último caso, pelo retorno à estância.

Considerações finais

A obra é a construção de um Brasil nação por meio de uma tipificação regional e a vitória da civilização e da ordem. As diferenças regionais têm em comum o olhar para a natureza como recurso produtivo econômico, o povo criativo, a solidariedade. Modernidade na economia, tradição nos relacionamentos interpessoais aparece como tom, ao final da leitura, ao leitor do início do século XXI.

Bilac e Bomfim nas páginas de *Através [...]* compõem um quadro *em que* natureza e história são a base para o progresso nacional. Essa discussão insere-se na reflexão sobre a atuação social dos intelectuais para a superação de um presente. Para os dois autores de *Através...* a superação vinha através da educação. Tal função a ser desempenhada pela intelectualidade pode ser relacionada a Koselleck (1999; p.16): “Planejar a história torna-se tão importante quanto dominar a natureza.” Há na obra uma diferença entre o campo da experiência de Brasil dos autores e o horizonte de expectativa lançado pelo olhar dos dois irmãos e de seus amigos, promovendo uma atualização do passado nacional com vistas a um futuro desejado pelos dois intelectuais. A obra tentava resolver uma tensão entre a espera de um futuro e a experiência do presente.

Em *Através do Brasil*, e com a parceria de Bilac, Bomfim parece ter solucionado os problemas que José Honório Rodrigues destacava na sua obra. No romance de formação, os excessos da linguagem serviam ao envolvimento do leitor com a narrativa. Por outro lado, nas suas atividades educacionais, Bomfim não conheceu a marginalização e as 66 edições de *Através do Brasil* comprovam o sucesso. (SANTOS & OLIVA, 2004, p.111).

Porém, na historiografia, Bomfim foi esquecido durante um longo período. A resposta de Reis (2003: p.500) ao perguntar-se pelo motivo de ser esse autor pouco discutido, formula a hipótese de que, apesar das teses de Bomfim serem inovadoras, eram

elaboradas em uma linguagem biologicista, o que dificultava a percepção desse caráter inovador. Por sua vez, essa linguagem biologizante não é encontrada nas obras didáticas, pode-se aí ponderar sobre os motivos de seu sucesso e repercussão nesse setor.

Entretanto, o que cabe aqui destacar é que se encontra em “Através...” uma sistematização, em uma linguagem literária, das mesmas idéias sobre o Brasil, a nação, a história e a formação populacional que podem ser percebidas em outros momentos da trajetória intelectual de Bomfim. Mas, nessa parceria com Bilac, não são encontradas as concepções mais radicais, desenvolvidas já no final da vida e principalmente na última obra *O Brasil Nação* (1931). Em um momento, já um pouco desencantado com os resultados da sua terapêutica educacional, apesar de continuar a defendê-la, Bomfim (1996: p.569) passa também a dissertar sobre a necessidade de uma revolução nacional popular no Brasil, como um novo remédio para os antigos males.

Referências

BAGGIO, Kátia G. **A Outra América**: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. (tese de doutorado) São Paulo: USP, 1998.

BILAC, Olavo & Bomfim, Manoel. **Através do Brasil; prática da língua portuguesa**. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

BOMFIM, Manoel. **América Latina** : males de origem. Parasitismo Social e evolução. 4 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

_____. **O Brasil na América**: caracterização da formação brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____. **O Brasil Nação**: realidade da soberania brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: topbooks, 1996.

BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil**: a nação em busca dos seus portadores sociais. Campinas: Unicamp, 2002.

GOTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim, pensador da história na Primeira República**. IN: Revista brasileira de História. vol.23, nº45. São Paulo: ANPUH, julho /2003.

KOSELLECK, Reinhardt. **Crítica e Crise**. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 1999.

LAJOLO, Marisa. Introdução IN: BILAC, Olavo & BOMFIM, Manoel. **Através do Brasil; prática da língua portuguesa**. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Pontes e Muralhas**: diferença, lepra e tragédia. (Paraná, início do século XX.) Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS, José Carlos. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

_____. **Manoel Bomfim e a Identidade nacional Brasileira**. IN: LOPES, Marco Antônio (org.) *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. IN: BOMFIM, Manoel. *América Latina: males de origem. Parasitismo Social e evolução*. 4 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

RODRIGUES, Antônio Edmilson M. **Política e Letras**: a pátria e a nação em Através do Brasil. <<http://www.pucrj.br>> Acesso 12/12/2004

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**: a historiografia conservadora. Vol. II, Tomo I. São Paulo: Nacional, 1978-1988.

RODRIGUES, Antônio Edmilson M. *Política e Letras*: a pátria e a nação em Através do Brasil. <<http://www.pucrj.br>> Acesso 12/12/2004

SANTOS, Claudfranklin Monterio & OLIVA, Terezinha A. **As múltiplas faces de Através do Brasil**. IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 24, nº. 48. São Paulo: ANPUH, jul - dez, 2004.

SÜSSEKIND, Flora & VENTURA, Roberto. **História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim**. São Paulo: Moderna, 1984.

VENTURA, Roberto. **Manoel Bomfim**: A América Latina males de Origem. IN: MOTA, Lorenço Dantas (org.) *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, 2. São Paulo: SENAC, 2001.